

O enigma de René Guénon

Olavo de Carvalho

Um autor que assina seus escritos com o pseudônimo de “Esfinge” dá a entender que eles contêm um enigma e a ameaça implícita de devorar o leitor que não consiga decifrá-lo.

O paradoxo maior da obra de René Guénon – e o enigma que ela encerra – reside em que, de um lado, ela ostenta o maior desprezo pelo mundo da ação, do tempo e da História, reduzindo literalmente a “manifestação” a “um nada” em comparação com a esfera da eternidade e dos princípios, mas, de outro lado, ela tem como meta primordial, explícita e reiterada, promover ou apressar o advento de uma “restauração tradicional”, isto é, de um objetivo que deve cumprir-se dentro do horizonte do tempo e da História.

Não há nisso nenhuma contradição, em sentido lógico estrito, mas uma tensão entre dois níveis de discurso mutuamente incomensuráveis. Essa tensão não escapou decerto ao próprio autor, homem arguto entre quantos já existiram. No entanto, em vez de realçá-la e dar visibilidade às suas implicações, ele procede como quem a ignorasse por completo, sublinhando, ao contrário, a unidade em bloco de um ensinamento doutrinal cuja formulação escrita impressiona, de fato, por uma coerência lógica na qual tudo, até os mínimos detalhes, remete aos princípios universais que fundam o conjunto.

Esse conjunto, ademais, abarca uma tal riqueza e variedade de perspectivas que cada uma delas pode constituir um mundo à parte, um continente disciplinar inteiro, suficiente para absorver no seu estudo – para não falar das práticas espirituais a que deve conduzir -- as melhores inteligências e o tempo de vidas inteiras, sem que surja nunca a oportunidade de articular os vários continentes no *mapa mundi* da concepção guénoniana como um todo.

Eis por que, se o próprio Guénon não deu sinal de perceber a tensão acima referida, muito menos parecem ter-se dado conta dela os seus principais discípulos, seguidores, admiradores e críticos, todos eles extasiados ante a visão imponente de uma unidade de doutrina e prática – unidade da Doutrina da Unidade -- que o próprio autor veio a enfatizar mais tarde, ao adotar o nome islâmico de ‘Abd-el-Wahid Yahya, “João, o Servidor do Único”.

Acontece que, escamoteada aos olhos do leitor aquela tensão, torna-se difícil distinguir quais os pontos em que a “doutrina do absoluto” deve entender-se em sentido metafísico puro, direto e inambíguo, e quando se entremescla nela, como em filigrana, a insinuação de um plano a realizar, de uma ação a cumprir.

Se levarmos a sério a presença da tensão, entenderemos que, em razão da distância incomensurável entre a unidade imutável dos princípios eternos e a multiplicidade quebradiça do mundo manifestado, a ação pretendida não é a única possível, nem a única desejável, mas apenas uma possibilidade entre muitas, não

determinada por nenhuma fatalidade cíclica, mas tão-somente oferecida, num leque de escolhas, ao arbítrio da liberdade humana.

Sem a consciência da tensão, o determinismo cíclico prevalece de tal modo que a via guénoniana para a solução dos males do mundo parece não só uma fatalidade inexorável, mas uma obrigação estrita à qual devem curvar-se todas as “pessoas qualificadas”, todos os membros atuais e virtuais da “elite intelectual”.

Essa via pode-se resumir sem qualquer inexatidão, pois o próprio autor assim a definiu muitas vezes, como a absorção do Ocidente pelo Oriente, absorção que tanto pode assumir a forma branda de uma “restauração da tradição ocidental” sob o guiamento de autoridades espirituais orientais, como até a de uma completa ocupação cultural, política, econômica e militar das nações ocidentais pelas forças do Oriente.

Os discípulos católicos de René Guénon tentam fazer-nos crer que ele muito se esforçou pela primeira alternativa, como o provam os artigos que publicou na revista católica *Regnabit*, os quais mostram de fato uma compreensão excepcionalmente profunda dos símbolos cristãos.¹ Mas o fato é que os primeiros contatos de Guénon com o meio católico e o início da sua colaboração nessa revista datam de 1925, ao passo que seus biógrafos são unânimes em declarar que a partida do filósofo para o Egito, em 1930, assinala o momento em que, desistindo de qualquer esperança na restauração da Igreja Católica, ele passou a apostar todas as suas fichas na ascensão do Islam. Ora, que pode ter acontecido de tão significativo na Igreja Católica no prazo desses breves cinco anos, para fazer do pretense restaurador do catolicismo o apóstolo da islamização global? Nada, é claro. Ou foi o próprio Guénon que mudou de idéia muito rapidamente, ou seus esforços em prol da restauração católica não passaram de um ensaio superficial, feito mais por desengano de consciência do que por uma confiança genuína na realização dessa possibilidade. Em ambos os casos, é preciso concluir que, ao menos na parte maior e mais significativa da sua existência de escritor e mentor, a meta de René Guénon foi pura e simplesmente a ocupação do Ocidente pelo Oriente, especificamente o Oriente islâmico, no seu entender o único herdeiro e porta-voz epocal legítimo das tradições orientais como um todo.

Ele mesmo confirmou isso da maneira mais ostensiva. A “ação tradicional”, segundo ele, tinha seu ponto de partida na formação de uma “elite intelectual” não somente adestrada no conhecimento das doutrinas orientais mas espiritualmente transfigurada pela participação em rituais iniciáticos no quadro de organizações esotéricas regularmente filiadas a uma “tradição legítima”. Quando seu correspondente e admirador suíço Frithjof Schuon voltou da Argélia no início dos anos 40 investido do título de *sheikh* de uma *tariqah* (organização esotérica) das mais tradicionais e, pondo mãos à obra na tarefa de formar uma “elite intelectual” nos termos desejados pelo seu antecessor, proclamou “Vou islamizar a Europa”, Guénon não hesitou em declarar que esse era o primeiro e único resultado concreto alcançado por seu trabalho de muitas décadas.

¹ V. <http://www.sophia.bem-vindo.net/tiki-index.php?page=Guenon+Regnabit>

A obra de René Guénon abrange duas linhas mestras: de um lado, a exposição de uma doutrina metafísica universal subjacente, segundo ele, a todas as grandes tradições religiosas; de outro, as instruções gerais preparatórias à formação da “elite intelectual” destinada a islamizar o Ocidente, seja pela via sutil e discreta da influência hegemônica exercida sobre a Igreja Católica (hipótese logo abandonada), seja pela via da ocupação total. Em ambos os casos, essa obra, tida às vezes como apolítica, às vezes como acentuadamente conservadora, se insere da maneira mais nítida no quadro da “mentalidade revolucionária” tal como a defini em trabalhos anteriores, isto é, a busca de uma transformação radical da sociedade, ou do mundo todo, a ser realizada por meio da concentração de poder.²

A ignorância ou descaso quanto à tensão acima apontada faz com que, para os discípulos e admiradores do mestre, a segunda dessas linhas decorra da primeira como conseqüência óbvia e incontornável, de modo que, entre eles, mesmo os católicos sinceros acabem servindo ao projeto da islamização global, seja porque vêem realmente nela a única via para a redenção espiritual do mundo e da própria Igreja Católica, seja porque não chegaram a elaborar claramente a articulação entre esses dois aspectos do ensinamento guénoniano, a qual, na verdade, é das mais problemáticas.

A meta da obra de Guénon é, em suma, islamizar o Ocidente em nome de uma doutrina metafísica universal que transcende as fronteiras confessionais, e fazê-lo de tal modo que a islamização pareça, nas condições do mundo presente, a única alternativa coerente com essa doutrina. É assim que uma doutrina voltada nominalmente ao eterno e supratemporal se torna uma das intervenções mais fundas, eficazes e devastadoras já vistas no mundo da História e da política. A passagem entre esses dois níveis atravessa uma rede de ambigüidades e dificuldades que, se não percebida e analisada, não deixa ao leitor outra alternativa senão ser devorado pela Esfinge.

² V. minha conferência “The Structure of the Revolutionary Mind”, em <http://www.youtube.com/watch?v=vCW5z5soPkvw>.